



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

A MOURAMA.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1990 | Número: 100

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, A Mourama. *Revista de Guimarães*, 100 Jan.-Dez. 1990, p. 343-353

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

A Mourama

Francisco Martins Sarmiento

Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, pp. 343-353

Mouros: Castro de Santo Adrião de Vizela -moura, que sai da pedra e casa no sítio (1); Cristelo -mouros (estátuas) na mina (2); Abação -moura na poça (3); Penha -mouros no castro em luta com os de Lijó (4); S. Martinho de Conde -moura-serpe (*Scórpio*) (5); Gandarela - moura = rapazinho (6); S. Martinho de Candoso; mouros dos Sumes, moura no penedo do José Bastos (7); moura na pedra flutuante (inf. de Ronfe) (8); Serzedelo - diabo na mina (9); Silvares - moura na pedra flutuante (10); S. João de Ponte -moura na mina de Vila Cruz (cobras)(11); moura que fala na capela de Campelos (12); Idem, perto da S. Crau (Vizela) (13); Mouros de S. Torcato que combatem com os da Citânia (14); Garfe, moura que canta = fala (15); Souto, moura que fala (Penícias) (16); Freitas - S. Torcato - moura = saramela (17); Aldão, moura que fala (18); Vila-Fria, ponte feita pelo diabo (19); Garfe - cadeira do diabo (20); Sande (S. Clemente?) moura que fala (21); Citânia (22); Donim - pedra flutuante (23); cavalo do pensamento (24); Airão, moura em pedra flutuante (25).

Aqui temos 25 lugares do nosso concelho importantes pelos mouros, não falando nos lugares cheios de riqueza, onde eles se subentendem sempre. Já exprimi a opinião de que estas entidades não eram outra coisa mais que fantasmas de divindades pagãs, que o cristianismo não pode aniquilar e cuja persistência e modo de ser nas

crenças populares é um facto etnológico de rica significação, por mais dum título.

*

Temos visto que os mouros e mouras infestam ainda todas os pontos do nosso concelho, sobretudo os castros e as suas imediações. A crença popular nestas entidades é tão viva e está tão profundamente radicada no espírito do povo, como a das «almas», e ambas elas têm relações mais intensas e explicáveis do que pode parecer à primeira vista. Veremos isso mais adiante. Há ainda não pouca gente que, levada pelo nome de mouros, supõe que as tradições mouriscas são um dos resultados da influência árabe do séc. VIII.

*

Nem coisa que o pareça; e bastará comparar a nossa mourama com o *fairyland* irlandês, para, depois de reconhecer as suas inteiras analogias, nos desenganarmos, de que ambos eles são resultados de um mesmo fenómeno etnológico. E, como na Irlanda, graças principalmente aos documentos escritos estas lendas encantadas denunciam inequivocamente a sua origem, é por elas que vamos começar esta investigação. O *fairyland* irlandês é constituído principalmente pelos Tuatha de Danann, um povo que alguns sábios têm como puramente mítico -opinião que não pode aceitar-se sem grandes reservas, penso eu, mas que admitirei provisoriamente, para não embaraçar, emaranhar, este estudo.

*

Eu copiarei o que a este respeito escrevi n' **O Pantheon**, para desenvolver depois as minhas ideias:

«As tradições populares, a que anda ligado o nome de mouros, são alguns séculos mais velhas que a aparição dos mouros (árabes) na Península; ou, para tirarmos a esta afirmativa o seu ar paradoxal, o nome de mouros intrometeu-se sub-repticiamente num corpo de tradições, que estavam formadas, muito antes da invasão árabe na Espanha.

Sem levarmos em conta uma grande massa de superstições e de credices, que pertencem a este ciclo pseudo-mourisco, baste-nos considerar os dois seguintes factos:

-O povo atribui aos mouros todas as antigas construções, cujas relíquias abundam nos nossos montes e vales;

-Embora encantado, o mouro habita ainda hoje as fontes, penedos, etc.

Quanto às construções, há já a notar que muitas delas se encontram em lugares, aonde não chegou a sombra da dominação árabe. Mas os monumentos em si, que são em regra os castros, memórias sepulcrais, fontes, penedos, etc., fazem-nos revelações muito mais positivas. Suposto seja difícil marcar época precisa, em que os castros foram abandonados e o motivo porquê, pode todavia afirmar-se com certeza que o seu abandono é muito anterior à invasão muçulmana.

As memórias sepulcrais, mamoas com antas, ou sem elas, etc., são contemporâneas dos castros, algumas mais antigas ainda; e aqui o facto que ocasionou o desprezo, em que elas caíram, está manifestamente indicado : a revolução religiosa operada pelo Cristianismo. Era certamente sobre estas sepulturas gentílicas que se praticavam as cerimónias fúnebres que pretenderam mais tarde naturalizar-se nos cemitérios cristãos e que os concílios repeliram de lá à força de anátemas. Imagina-se se tais práticas seriam consentidas sobre os próprios túmulos dos idólatras, dos adoradores dos demónios, e se as sepulturas destes se não tornariam nas «sepulturas de asno» da frase bíblica, que parece ter-se popularizado entre nós.

Ao mesmo mundo ante-cristão pertencem sem dúvida as *Fontes*, *Penedos*, etc. É impossível deixar de ver neles as *Fontes*, *Lápides*, *Saxa*, cuja adoração provocava as indignações dos concílios bracarenses e toledanos.

Assim os monumentos atribuídos aos mouros não só estavam em ruínas muito antes da aparição dos mouros no nosso país, mas as tradições, que neles se localizaram, ou nunca se formariam, ou datam necessariamente do dia em que o paganismo, deixando de ser uma realidade, começou a entrar na sua elaboração lendária.

Isto é tão intuitivo, que qualquer demonstração seria uma afronta ao bom senso.

Como o nome de mouro veio ingerir-se e dominar nas legendas do velho mundo pagão, é o que o mesmo nome de pagão nos parece explicar. Pagão era, como se sabe, a denominação favorita, dada pelos cristãos aos religionários que eles vieram destronar. Ora que este nome não somente estava em uso ao tempo das invasões árabes, mas que foi, conjuntamente com o de mouros, transferido para os árabes, vê-se tanto pelas antigas crónicas (*Chronicon Conimbricense*, etc.), como pelos instrumentos públicos (*Viterbo, Eluc., V. Terra de pagons*).

Os nomes de mouro e pagão tornaram-se sinónimos, prevaleceu o vocábulo que tinha por si uma realidade objectiva: o nome abstracto de pagão desaparece⁽¹⁾, o étnico de mouro fica, substituindo aquele em todas as suas aplicações, sem embargo dos mais grosseiros anacronismos.

Sendo assim, basta a possibilidade de identificação de mouro e de pagão, para nos aclarar por certas faces a concepção, que à data da entrada dos árabes se tinha formado no espírito do nosso povo acerca da entidade, que os mouros vieram substituir.»

(1) Não inteiramente. Ainda hoje uma madrinha, entregando à mãe a criança que levou à pia do baptismo, diz indiferentemente: «Levei-o amoirado, trago-o baptizado», ou «Levei-o pagão, trago-o cristão». Mas, se se repergunta pela palavra «pagão», é bem possível que replique: «pagão, pavão, ou lá o que é». (Histórico).

(Extraído do artigo *O que podem ser os mouros na tradição popular*, publicado em **O Pantheon**, Ano I, Porto, 1881, págs. 105 e 121)

*

Para confirmar esta doutrina bastar-nos-á, me parece, comparar a nossa *mourama* com o *fairyland* irlandês -comparação tanto mais instante, que na tradição da verde Erin o povo que até às invasões (tardias) germânicas (sic) na ilha teve ali a hegemonia foram os Milésios, emigrados do noroeste da Espanha, que se fundiram com os Tuatha de Danann, então dominantes, e gente da mesma raça. Ora na Irlanda os Tuatha de Danann representam exactamente o mesmo papel que os mouros nas nossas tradições populares.

Assim, segundo uma tradição, os Tuatha eram imortais, e eram imortais porque não eram outra coisa se não os anjos rebeldes, que só podiam ser destruídos com o fim do mundo e o juízo final. Aqui há uma influência bíblica manifesta, que não data senão dos tempos posteriores ao cristianismo na Irlanda, mas muitos destes anjos rebeldes conservam ainda os nomes dos velhos deuses druídicos, como Manann, Dagda, Bodhb, etc, e por consequência não são outra coisa senão os velhos deuses irlandeses, destronados pelo Cristianismo. Este facto é indiscutível, e muito significativo. Identificados depois com os anjos rebeldes da tradição bíblica, também se vê que só o Cristianismo bastava para a gratificação com o dom da imortalidade estas misteriosas entidades.

É preciso advertir que neste particular o que sucedeu na Irlanda, sucedeu em toda a parte; tal era a força do prejuízo que os apologistas cristãos nunca negaram a realidade dos deuses antigos, nem o seu poder e a sua quase onnipotência taumatúrgica; o que negaram era o seu emprego para o bem, e a necessidade de a contrariar e anular com a fé no verdadeiro Deus e da sua infinita superioridade no capítulo dos prodígios. Assim, como já sucedera a Moisés em face dos padres egípcios, os evangelizadores sustentaram um verdadeiro duelo taumatúrgico com os sacerdotes pagãos, como S. Patrício, acabando sempre, já se vê, por um triunfo completo. Os prodígios excediam muitas vezes o que a imaginação pode conceber de mais estrambólico, como o caso de, que viveu vários anos sem cabeça. Certo é que indirectamente os padres cristãos contribuíram para a imortalidade dos antigos deuses, podendo mesmo dizer-se que, se um filósofo *libre-penseur* atacasse semelhante imortalidade, os apologistas tinham restrita obrigação de tomar o partido do paganismo, sob pena de negar a realidade dos demónios. Parece história, mas é isto.

*

Assim, retornando aos nossos lares, é bem visto que Bormânico e as ninfas lupianas de Vizela, o Júpiter da nossa ribeira (S. Faustino), o Júpiter e o Corono de Serzedelo, o Durbédico de Ronfe, o Camal da Citânia, que as inscrições, as ninfas de Guimarães, o génio Laquiniense de Vizela celebrizam são outros tantos demónios, que aí ficaram, imaginando-se a multidão de outros que escaparam à consignação dos respectivos devotos, ou cujas memórias estão por aí sumidas debaixo da terra. O Cristianismo condenou-os, como aos Tuatha de Danann, a abandonar os seus altares, erguidos à luz do sol, e a sumirem-se por onde puderam, mas nos sítios onde primitivamente dominaram, exercendo todavia a sua extraordinária actividade, ora surdamente, ora ostensivamente aparecendo aos seus favoritos sob as formas as mais diversas. Mas não tem dúvida nenhuma que o proselitismo cristão não conseguiu dar-lhes o carácter odioso, que tinham na

mente. Nem os mouros e mouras da nossa tradição, nem os *fairies* (nas das irlandesas), se tornaram odiosos; muito pelo contrário, todos eles têm a devotada simpatia dos *rústicos* e pudera não, se bastaria uma palavra deles para os encher de riquezas.

*

Certo é que por fim tiveram de abandonar os seus altares, não abandonando porém os sítios, onde dominaram, mas escondendo-se por aqui e por ali, revelando-se de quando em quando aos mortais. Um facto digno de nota é que todos os esforços dos propagandistas foram inúteis para os tornar odiosos. Na Irlanda estes encantados são chamados o «bom povo». Se os agravam e injuriam, a sua vingança faz-se muita vez sentir pesadamente; mas, em regra, não são maléficos; ao contrário, são muito sensíveis aos bons tratamentos e gratificam com tesouros sem preço os que conseguem cair-lhes nas boas graças. E é decerto esta uma das causas que contribuíram para a sua perpetuidade. O irlandês, como o português com relação aos mouros, sonhando ardentemente com a fortuna de topar com um destes amigos misteriosos, dificilmente os podiam esquecer.

Devemos acentuar bem que os famosos tesouros, de que dispõem os Tuatha e os mouros, não são tão fantásticos como isso, e o carácter arqueológico destas preciosidades mais valida a crença nestes encantados dispensadores de riquezas. No célebre «*Colloquio*» (Gadélica) explica-se por mais de uma vez muito naturalmente, sem recurso ao sobrenatural, os esconderijos destas riquezas. Cailte, um dos poucos sobreviventes dos *Fiannes* por mais do que uma vez recome com as suas forças hercúleas um monólito que cerrava o túmulo de um velho guerreiro, pondo à vista um espólio maravilhoso, que reparte com S. Patrício e os espectadores. Os nossos tesouros encantados são também em regra uma rica mobília funerária, vasilhas cheias de dinheiro, etc, etc...

Aos Tuatha correspondem exactamente os nossos mouros e, visto isso, não pode haver dúvida alguma, creio eu, que os mouros e

mouras são precisamente os fantasmas dos velhos deuses lusitanos, conservados na tradição popular do mesmo modo e pelo mesmo processo que no mundo irlandês. É também como tais que eles são imortais. O diabo que, muita vez, anda com eles de braço dado, não é também, não pode ser o diabo bíblico, e nós já vimos como em Garfe, a «cadeira do diabo» entra de direito no mundo mourisco. Sem dúvida o nome de Jesus pode inutilizar qualquer operação ciprianista, mas é que os mouros são equiparados a anjos rebeldes e tanto devem temer a cruz quer foi ela que lhes fez perder o seu império. Também o esconjuro pretende arrancar o tesouro à força; mas com certeza é isto uma treta, sem grande apoio na crença popular. Ninguém se lembrou nunca de fazer o sinal da cruz, quando encontrou uma moura a assoalhar as suas meadas de ouro. Pois não?

Mas o mundo encantado não compreende apenas as entidades reconhecidas, à primeira, como mouros e mouras. Os seus actores apresentam-se sob diferentes formas, muito dessemelhantes. Assim, à mesma categoria pertencem sem dúvida os dançadores da história dos dois corcundas.

Uma noite um homem ia por um descampado e encontrou uns poucos de sujeitos a dançar. Meteu-se no rancho e começou a dançar também. Sentia-se já estafado da dança que se prolongava de mais; mas por mais que quisesse não podia parar. Só quando os companheiros pararam, é que pôde livrar-se daquele martírio. O homem era corcunda.

"Que paga havemos nós de dar a este companheiro? - perguntou um dos dançadores aos outros.

-Tiremos-lhe a corcunda - responderam eles.

E a corcunda desapareceu logo das costas do homem.

Um amigo do feliz operado, e corcunda como ele, vendo-o sem o defeito, perguntou-lhe como tinha arran-

jado aquele boa fortuna e, como ele lhe contasse tudo o que lhe sucedera, procurou uma noite o descampado; lá encontrou os dançadores; dançou, dançou, parou quando os companheiros pararam.

"Que paga havemos de dar a este? - perguntou um dos dançadores.

- Damos-lhe a corcunda que o outro deixou.

E o pobre homem ficou com duas corcundas. Os dançadores eram os diabos.

A verdadeira orientação dá-no-la a versão irlandesa.
Aqui está agora um caso mais escabroso:

Um sujeito dos lados da (Cruz da Argola) veio a Guimarães e só pôde retirar de noite. Passando pelo terreiro de Santa Clara viu um carneiro preto, e julgando ser animal perdido, de que podia apossar-se sem perigo de ser descoberto, pegou nele às costas e caminhou o seu caminho. O carneiro porém pesava como chumbo; tanto que chegado à Arcela, o homem viu-se obrigado a descansar, pousando o animal em contra de uma parede.

"Pousa-me devagar para me não esfolares o serro" - disse o carneiro.

Ouvindo isto, o homem largou a correr na certeza de que o carneiro era o diabo.

O carneiro, bode, bodegão, figura quase sempre como o rei das bruxas, e aí temos um assunto ainda mais escabroso. A bruxa já no paganismo tem um carácter maléfico, mas é visto que pertence às mesmas concepções de onde provieram os outros *deuses*. Mesmo cada deus, Apolo por exemplo, tem duas faces, a boa e a má -esta a do deus vingador.

*

Assim, já vimos que uma lenda repetida à saciedade no nosso concelho é a da moura que vai para a *mourama* numa pedra flutuante. Este modo de transporte não é desconhecido na Irlanda: *S. Molarins*, voltando de Roma, atravessa para a Irlanda em cima duma pedra. E é mais para reflectir que há grandes dúvidas sobre se os velhos santos irlandeses, alguns, pertencem realmente à galeria cristã se à druídica. Mas aqui temos coisa mais fina: Bodbh, a de Dagda, uma entidade mitológica pura, vendo Cailte, um dos últimos *Fians*, sentado num penedo à beira-mar, aproxima-se dele, vindo do alto mar, chegada a certa distância, senta-se comodamente sobre a superfície da água e interpela-o amigavelmente.

A moura, porém, na nossa tradição como que vive dentro da pequena pedra que é arrojada no rio. Mas as *fairy* irlandesas também vivem no interior das pedras.

O que é agora o *fairyland* ou a *mourama*? Entre nós parece ter-se radicado a ideia de que era uma região ultramarina, que acabou por ser identificada como a parte da África, onde se refugiaram os árabes, expulsos da península; mas é mais que provável que só a primeira parte tem uma raiz verdadeira. Muita vez na tradição irlandesa o *fairyland*, propriamente dito, é equiparado à «terra a promessa», mas esta terra da promessa fica em pleno mar; só tem portanto de reminiscência bíblica o nome.

*

O mundo sobrenatural. -Uma minoria de homens que acredita, com A. Musset, que a polícia e a iluminação enxotam as «almas do outro mundo», admira ainda que haja visionários desta espécie e nem sequer repara que tais visionários tanto se encontram nas aldeias, onde nem há polícia nem iluminação, como nas cidades, onde nem uma e outra coisa não faltam. É que provavelmente não reparam em que a crença no sobrenatural, além de ser uma herança reviva, tem

ainda hoje extremos defensores (Abade de Matignon), que dariam como perdida a religião e a moral, se tal crença desaparecesse. É, por exemplo, uma coisa curiosa que os apologistas cristãos se não atrevam nunca a negar a realidade objectiva dos deuses pagãos, com que travaram a luta. Estas entidades existiam sem a menor dúvida para estes polemistas, nem se contestava a sua onipotência taumatúrgica. O que eles eram era anjos caídos, que se apossaram do mundo, à falta dum ensino ortodoxo, e foram adorados como verdadeiros deuses. Nesta luta renhida, o Cristianismo venceu, mas é de crer que os velhos deuses só podiam ser derribados dos seus altares, mais ou menos completamente; mas, como eram *anjos*, demónios, não podiam morrer; tiveram de se esconder não importa para onde; sumiam-se num mundo misterioso e invisível, sem todavia deixar de aparecer de quando em quando aos seus favoritos -e é isso que eles fazem ainda hoje.

*

A *mourama* * — O nosso povo toma a *mourama* em mais de um sentido. Assim Sabroso é uma *mourama* mais pequena que a Citânia. É o sentido restrito; neste a *mourama* é como a *side* irlandesa — uma localidade onde habitam os mouros encantados, que, por qualquer motivo não puderam abalar daqui num certo momento histórico, que se não precisa. Mas noutro sentido, a *mourama* é um país distante, que do mesmo modo se não precisa. Assim, o homem de Donim foi levado para a *mourama*, e, para voltar à terra, teve de vir no «cavalo do pensamento», que preferiu ao «do vento». As mouras desencantadas vão também sentadas numas pedras pelos rios abaixo, que as levam sem dúvida ao mar, e daí quem sabe aonde.

Ora tudo isto não passa de patranhas; mas o nosso século de crítica toma a sério estas patranhas, que lhe exprimem uma ideia, e

* Último apontamento escrito por Francisco Martins Sarmiento, datado de *Briteiros, Junho de 99*. Em seguida abriu um novo parágrafo, que já não escreveu, intitulado: §. *Materiais para a arqueologia do Concelho de Guimarães*.



casadesarmento

centro de estudos do património

ninguém dirá que o não tem conseguido graças ao método comparativo... principalmente, e o inquérito de todos os ramos de história. Assim ninguém pode contestar hoje que a nossa *mourama*, como a *fairy* irlandesa (limitemos as coisas), é o velho mundo mitológico dos nossos passados, digamos tudo, o mundo religioso que sobreviveu ao Cristianismo.